

## **Resenha do livro “Shakespeare: o gênio original”**

### **A trajetória do gênio**

Fernando Tôrres Pacheco

“*Shakespeare: o gênio original*” de Pedro Sussekind trilha o itinerário do conceito de gênio na Alemanha da segunda metade do século XVIII. O livro nos mostra, de maneira clara, a grande influência do dramaturgo inglês no “*Sturm und Drang*” (o pré-romantismo) e nas suas preocupações de uma defesa da livre criação artística. A retomada da obra shakespeariana surge num momento decisivo de um país em formação, onde os teóricos e críticos de arte alemães fazem uma reavaliação da teoria classicista francesa e investem contra o ideal de uma obra de arte baseada nas estruturas formais prescritas por Boileau e contra o teatro de Racine e Corneille.

A calorosa receptividade dos textos do autor elisabetano na Alemanha do século XVIII caracteriza uma mudança nas atitudes reflexivas sobre o talento na criação de obras de arte. De um lado temos o classicismo francês, embasado em interpretações particulares – e muitas vezes ortodoxas - da “*Poética*” de Aristóteles, pregando um rigorismo formal e a adequação à técnica na produção artística visando uma obra sem desequilíbrio, que atinja a perfeição. A obediência das regras e a consecução meticulosa das técnicas formariam dessa maneira o talento do artista. Opostos a essa concepção, os

autores pré-românticos defendem a tese de uma valorização da autonomia do artista, associando ao talento a idéia de uma naturalidade espontânea, livre das determinações tradicionais. Surge então a noção de originalidade da obra de arte e, como consequência, a teoria do “gênio original”.

Tomando como ilustração a passagem da cena II do terceiro ato de “*Hamlet*” (em que se dá a representação de uma peça, dirigida pelo próprio Hamlet, fazendo alusão à morte de seu pai), Sussekind nos mostra como Shakespeare teria tecido apontamentos, através de seu personagem, para uma teoria do efeito no teatro. A peça do personagem Hamlet tem como propósito desmascarar o assassino de seu pai, representando alegoricamente a cena da sua morte para, dessa maneira, confirmar a denúncia do espectro. Como é sabido o assassino é desmascarado ao presenciar a cena e se retirar da apresentação extremamente incomodado. Nesse jogo metalingüístico de uma peça dentro da peça, evidencia-se uma relação de afecção ao espectador através da interpretação do ator - teoria do efeito, oriunda da teoria clássica da poética aristotélica. Por outro lado, identifica-se também em “*Hamlet*” uma relativização dos gêneros poéticos através de uma das falas do personagem bufão Polônio; relativização que sugere uma discordância de Shakespeare com as poéticas renascentistas e clássicas onde a categorização dos gêneros poéticos é defendida como forma de um rigor teórico. Observa-se então que a partir da segunda metade do século XVIII “*estes dois temas ocupariam o centro da teoria do teatro: a importância das regras que delimitam os gêneros poéticos e a questão do efeito*”.

Para além da importância das regras dos gêneros poéticos Boileau (século XVII), influenciado por Aristóteles e Horácio, estabelece em sua poética critérios normativos

de criação formulando leis de cunho imperativo para o fazer artístico. Com seus escritos Boileau sistematiza as regras poéticas e observa que a domesticação do talento do artista, através destas mesmas regras universais, é necessária para se atingir a perfeição da obra. O modelo dramaturgico francês se afigura aos espectadores e críticos da época como exemplar e insuperável e tem como expoentes os autores Racine e Corneille. Também a Alemanha é altamente influenciada pelas obras e poéticas do classicismo francês. Somente a partir da segunda metade do século XVIII, com Winckelmann e Lessing, inicia-se uma reação contra a imposição das poéticas francesas na dramaturgia alemã e uma defesa de uma identidade germânica na arte daquele país.

É exatamente com Lessing e suas “*Cartas relativas à novíssima literatura*” que a defesa do projeto de uma insurreição do novo teatro alemão é sugerido, a partir de suas críticas contundentes a Gottsched, defensor das poéticas classicistas. Para o surgimento desse novo teatro, Lessing adota Shakespeare como modelo do “gênio original” dando um novo fôlego para o ambiente literário alemão denominado “*Sturm und drang*” (tempestade e ímpeto) que surgiria em 1770. A característica fundamental deste movimento é a relação do indivíduo e sua luta contra os entraves sociais na busca de sua originalidade e liberdade artísticas. Sussekind leva-nos por todo o percurso dos críticos, filósofos e escritores que compuseram este cenário germânico, destacando autores originalíssimos como Lenz e Herder, passando por Schiller e Kant e principalmente pelo cânone da literatura alemã, Goethe. Os escritos do autor de “*Os sofrimentos do jovem Werther*” sobre Shakespeare formam um legado para a compreensão da transição do pensamento estético alemão dos séculos XVIII para o XIX e suas posições sobre o poeta inglês, que transitam do elogio incondicional pré-romântico à relativização do

tema de Lessing, Lenz e Herder - que toma Shakespeare por modelo para a dramaturgia alemã.

Sem dúvidas, “*Shakespeare: o gênio original*” compõe uma excelente pesquisa sobre o tema do gênio e o contexto do pré-romantismo, de grande relevância para os estudiosos de literatura e estética.

SUSSEKIND, Pedro. *Shakespeare: o gênio original*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.